

AS IMPLICAÇÕES ESTÉTICAS SOBRE O CONHECIMENTO EM NIETZSCHE

Danilo Moraes Lobo¹

Resumo: Este artigo pretende discutir as implicações estéticas sobre o conhecimento, em Nietzsche, na medida em que o filósofo postula, no seu *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* (1873), a existência de um sujeito *artisticamente criador* o qual é esquecido, no momento em que o homem, historicamente, assume uma “autoconsciência”, momento em que o potencial metafórico da linguagem é reduzido, progressivamente, ao aspecto moral na produção de conceitos. Segundo Nietzsche, o estabelecimento de uma malha conceitual se justificaria pela tentativa do homem em conquistar uma certa segurança e tranquilidade, mas o que de fato sobressai é o desvelamento de uma fraqueza na qual o homem sente necessidade em estabelecer uma ordem linguística, frente a desconexão reinante no mundo. Serão discutidas, portanto, as relações entre arte e conhecimento, destacando-se a proeminência de alguns expedientes implicados no intelecto na busca pela afirmação de um suposto saber veraz, tais como: dissimulação, fantasia, imaginação e sonho. Elementos estes, analisados sob uma perspectiva estética, os quais subsidiam a reversão e a crítica nietzschiana à concepção substancial sobre a verdade cujos pressupostos estariam ancorados em perspectivas morais.

Palavras-chaves: Conhecimento. Estética. Fantasia. Linguagem.

Abstract: This article discusses the aesthetic implications about knowledge, in Nietzsche, insofar as the philosopher posits, on his essay *On truth and lie in an extra-moral sense* (1873), the existence of an *artistically creating subject*, which is forgetful at the moment that the man, historically, assumes a "self-consciousness", when language's metaphorical potential is reduced, progressively, to moral aspects on elaboration of concepts. According to Nietzsche, the establishment of a mesh conceptual has been justified by the man's attempt to conquer a certain security and tranquility, but what really stands out is the unveiling of a weakness in which man feels the need to establish an order linguistic, front the disconnection prevailing in the world. It will be discussed, therefore, the relationship between art and knowledge, highlighting the prominence of some expedients implicated in intellect on the search for the affirmation of a supposed knowledge reliable, such as dissimulation, fantasy, imagination and dream. These elements, analyzed from an aesthetic perspective, which subsidize the reversal and the Nietzsche's critique to the substantial conception of truth, whose assumptions, would be based on moral perspectives.

Keywords: Knowledge. Aesthetics. Fantasy. Language.

¹ Graduando em Filosofia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: dmoraes.lobo@gmail.com

INTRODUÇÃO

No ensaio intitulado *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* (1873), Nietzsche nos apresenta uma reflexão sobre o conhecimento, ancorada no potencial metafórico da linguagem, destacando as premissas estéticas que estariam na base do processo da criação de conceitos. Estes se apresentariam enquanto construções linguísticas, eivadas de elementos retórico-poéticos, que são, comumente, desconsiderados em favor de uma concepção do conhecimento, enquanto adequação da coisa ao conceito. O filósofo procederá, portanto, para uma crítica à abordagem substancialista da linguagem, procurando desvelar o papel criativo da mesma, situando-a no plano da vida e do devir, no qual os conceitos cumpririam um papel de conservação frente à instabilidade e ao movimento, próprios do mundo. Neste contexto, Nietzsche irá destacar os elementos ficcionais e fantasiosos presentes em qualquer discurso, fruto da mediação que o intelecto opera ao produzir conhecimento.

A construção de uma rede conceitual, tendo como fundamento a busca pela verdade no conhecimento, traduz-se numa tentativa em estabilizar a linguagem, reduzindo drasticamente o movimento do pensamento, já que se ambiciona com o intelecto obter pontos fixos de onde se possa partir, frente a transitoriedade reinante. A busca pela rigorosa conservação do sentido das palavras implicaria num esquecimento das bases metafóricas das mesmas. Deste modo, Nietzsche irá tratar os conceitos enquanto metáforas residuais, palavras desgastadas pelo uso corrente e que adquirem um sentido sagrado para as coletividades, tendo em vista as possibilidades de comunicação e compartilhamento das experiências subjetivas. A estabilização linguística servirá, portanto, ao regramento social no qual os homens se sentem seguros e identificados a um bem impessoal, mas sendo, de fato, constrangidos a participarem do rebanho.

O impulso à verdade apresenta-se enquanto fenômeno moral, ligado às necessidades de conservação, na medida em que uma legislação da linguagem se impõe à sociedade, quando a mesma procura definir o que é certo em detrimento do errado, verdade em detrimento da mentira, o bom em detrimento do mau. O discurso moral se configura enquanto uma postura que revela anseios metafísicos ligados à ordem e a imutabilidade os quais impactam na condução dos homens que estão sujeitos às turbulências da vida. Os conceitos surgem, então, como abrigos que precisam resistir à precariedade e volatilidade de uma linguagem, afetada, visceralmente, pelas forças de construção e destruição das metáforas. Esta seria, para o jovem Nietzsche, mais preocupado então com as questões filológicas, a força artística primordial do homem, capaz de desvelar a natureza de invenção/criação própria da verdade.

A força da metáfora reside no reconhecimento do homem, enquanto sujeito artisticamente criador no qual se reconhece o poder da fantasia, da imaginação e da ficção, postulando-se um conhecer, enquanto criação e não apenas adequação, afastando-se da ideia de um conhecimento pautado em juízos, *a priori*, que nos forcem a pensar que o ser da coisa está em seu nome. Observamos, em Nietzsche, sobretudo em obras que se sobressaem preocupações estéticas, como *A filosofia na era trágica dos gregos* e *O Nascimento da Tragédia, Visão dionisiaca do mundo*, a construção de uma argumentação que tenta situar as bases do conhecimento ocidental em critérios estéticos, recorrendo-se, especialmente, aos gregos antigos. O nosso propósito aqui será discutir as relações entre arte e conhecimento, sobretudo as implicações da primeira sobre o último, buscando compreender como Nietzsche constrói sua crítica à linguagem, situando-a para além das suas amarras morais e metafísicas.

AS BASES METAFÓRICAS E A ESTABILIZAÇÃO DO IMPULSO ARTÍSTICO NA LINGUAGEM

Em *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, Nietzsche considera que uma das principais forças do intelecto reside na sua capacidade de dissimulação na qual os indivíduos fracos se agarrariam, no intuito de se defenderem de uma existência em que lhes foi denegada a possibilidade de lutar com forças pela sobrevivência. O filósofo argumenta que, no homem, essa arte da dissimulação atingiu seu cume, promovendo mascaramentos e convenções, que no fim não se sabe como pode nele surgir um legítimo impulso à verdade. Neste sentido, afirma que esse homem se acha profundamente imerso em ilusões e imagens oníricas, tendo seu olho voltado apenas para a superfície das coisas, não se direcionando à verdade por nenhum lugar, se satisfazendo antes, apenas, em receber estímulos. Esta condição do intelecto do homem estaria alicerçada também sobre a necessidade do mesmo existir, socialmente e em rebanho, o que faz surgir um “acordo de paz” que se constitui, num primeiro passo, para o impulso à verdade. Salienta assim Nietzsche (2007, p. 29):

agora, fixa-se aquilo que, doravante, deve ser “verdade”, quer dizer, descobre-se uma designação uniformemente válida e impositiva das coisas, sendo que a legislação da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade: pois aparece, aqui, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira.

Ressalte-se que, por conseguinte, o intelecto se situa, enquanto ferramenta de auto-conservação da coletividade, preservando, em primeiro lugar, o indivíduo da

fugacidade da vida e, em segundo lugar, apresentando-se, enquanto um instrumento de domesticação social, evitando, assim, uma guerra de todos contra todos. O processo de formação da consciência apresenta, desta maneira, um caráter moralizante, constringendo e condenando aqueles que resistem à ordem linguística imposta. Segundo Fonseca (2008, p. 36):

quando o intelecto é utilizado como meio de conservação da coletividade, a linguagem é colocada a serviço da comunicação. Aí, cada membro do todo social deve usar as convenções linguísticas de maneira correta, ou seja, ele deve “dizer a verdade”, caso contrário estaria colocando em risco os demais membros.

A necessidade em dizer a verdade, enquanto uma obrigação social, fundamenta, aparentemente, a construção metafísica de uma malha conceitual que estabelece um padrão linguístico normativo, impondo a todos um regime discursivo no qual não se quer a verdade, mas se é coagido a respeitá-la, sob pena de sofrer punições (quando se mente) ou danos (quando se é enganado). Obtém-se, nesse processo, tão somente uma reiteração de padrões linguísticos a partir da coerção na qual não se tem, de fato, uma homologia entre as designações e as coisas que se busca representar, mas apenas convenções estabelecidas moralmente. Conforme aponta o próprio Nietzsche (2007, p. 37), em *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*:

ainda não sabemos donde provém o impulso à verdade: pois, até agora, ouvimos falar apenas da obrigação de ser veraz, que a sociedade, para existir, instituiu, isto é, de utilizar as metáforas habituais; portanto, dito moralmente: da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório.

Observamos, nesta citação, o filósofo apresentando o processo de comunicação, enquanto utilização de metáforas que não corresponderiam à nenhuma realidade das coisas em si, mas sendo tão somente fruto de uma economia moral que exige uma estabilização dos signos linguísticos, exigindo do homem uma postura que o situe para além das intuições e impressões repentinas, o que conduz a todos a viverem sob o império das abstrações, fazendo, assim, consolidar uma postura do homem enquanto ser racional.

O impulso à verdade, sob a ordem linguística metafisicamente assentada, estaria direcionado a combater qualquer foco subjetivo sobre as coisas, numa tentativa de se evitar interpretações arbitrárias e salvaguardar a verdade. As coisas necessitariam, assim, de determinações, ou seja, serem nomeadas ao tempo em que impedem o sujeito singular de pensar sob uma ótica idiossincrática. A ordenação linguística exigiria, conseqüentemente, a constituição de uma consciência situada dentro dos parâmetros da conservação, conforme salienta Krastanov (2011, p. 20):

não seria difícil, neste contexto, decifrar a verdadeira intenção, velada pela tradição, que consiste em dissolver qualquer pulsão criativa, pois o ato de criar certamente aparece como nocivo para a conservação do sistema, como ato criminoso que deve ser extinto. Tudo isso resumimos com a noção de *consciência moral* (grifos do autor).

A partir dessa formação do intelecto, enquanto instrumento atravessado pelas forças de coesão social, é que Nietzsche situará a linguagem no seu aspecto pragmático, por um lado (necessidade de conservação), e, enquanto potência artística (capacidade de criação), por outro. Esta última aparece sufocada pela tradição que se expressa, sobretudo, pelos conceitos os quais são visualizados enquanto formas fixas que desconsideram o impulso básico para a formação de metáforas, que está presente no homem.

Outrossim, os conceitos aparecerão na crítica nietzschiana como entidades antropomórficas, resultado da capacidade expressiva e criativa da linguagem, mas que necessitam do esquecimento dessa origem estética para se tornarem marcos estabilizadores de uma visão de mundo. Apresentam-se, contudo, de uma forma precária e insuficiente perante as metáforas que transbordam em possibilidades expressivas. Dessa maneira, estariam limitados em sua capacidade de expressarem certos movimentos do pensamento, sobretudo aqueles que dizem respeito à singularidade das coisas. Assim, os conceitos serão operacionalizados por meio dos processos de causalidade e identificação, pressupondo recortes e sínteses que possam organizar o discurso e minimizar ou mesmo ignorar as possibilidades de fabulação da linguagem. Pondera ainda Nietzsche (2007, p. 35) a respeito da formação de conceitos:

(...) toda palavra torna-se de imediato um conceito à medida que não deve servir, a título de recordação, para a vivência primordial completamente singular e individualizada à qual deve seu surgimento, senão que, ao mesmo tempo, deve coadunar-se a inúmeros casos mais ou menos semelhantes, isto é, nunca iguais quando tomados à risca, a casos nitidamente desiguais, portanto.

Os conceitos agrupariam ocorrências, mais ou menos semelhantes, mas nunca iguais às desiguais, surgindo, portanto, da igualação do não-igual. Não obstante, este processo estaria eivado de metaforização, já que este seria o gesto primordial, aquele que, de forma suplementar e ficcional, adiciona sentido às coisas, uma vez que elas não detém nenhuma verdade em si. De acordo com Ferraz (2002, p. 41):

A estabilização do sentido própria ao conceito diz respeito, evidentemente, à lógica da identidade: haverá um sentido “próprio”, primeiro, a que qualquer metaforização terá de se referir, como designação segunda que, subordinando-se a essa hierarquia e não contaminando nem desestabilizando o “sentido próprio”, a razão poderá tolerar. Ao contrário, tomar a metáfora como primeira equivale a

afirmar o caráter necessariamente interpretativo, relacional, antropomórfico, de toda nomeação, esquivando-se assim, conseqüentemente, da caução à lógica da identidade.

A partir da metáfora é que Nietzsche apresentará a linguagem, em todo seu potencial de transposição, sendo ela a artífice dessa ponte que se estabelece entre o pensamento e as coisas. No plano conceitual, o homem se encontra aparentemente seguro para estabelecer compartilhamentos, por meio de uma valoração que oferece um sentido aos atos, dentro da coletividade. Em que pese os conceitos se erigirem, qual um mundo firme e regular, os mesmos não reduzem o impulso à formação de metáforas, já que as mesmas encontram, no âmbito do mito e da arte em geral, a possibilidade do homem expressar a sua capacidade em dispor o mundo, de forma permanentemente criativa frente ao devir o qual revela a natureza, sempre instável e volátil, de todas as coisas.

Nietzsche irá ressaltar esse poder lógico-poético do homem que empreende um extraordinário esforço em organizar conceitualmente o mundo, sendo de fato uma metaforização na qual se destaca o conhecimento, enquanto atividade que tenta submeter a realidade às categorias do pensamento humano. O filósofo afirma, em *Sobre a verdade e a mentira* (NIETZSCHE, 2007, p. 39):

aqui, cabe muito bem admirar o homem como um formidável gênio da construção, capaz de erguer sobre fundamentos instáveis e como que sobre água corrente um domo de conceitos infinitamente complicado; por certo, a fim de manter-se firmemente em pé sobre tais fundamentos, cumpre ser uma construção como que feita com teias de aranha, suficientemente delicada que possa ser levada pelas ondas e firme o bastante para não ser despedaçada pelo sopro do vento.

Almeja-se descobrir regularidades e racionalidades às coisas, quando de fato é o próprio homem que as introduz, impondo ao mundo um recorte esquemático e convencional, por meio de formas e categorias que, supostamente, apresentariam alguma objetividade, mas que se revelam serem apenas *ficções*. O nosso olhar apresenta-se subordinado aos esquemas perceptivos próprios às projeções antropomórficas, não sendo possível escapar desse lugar que não apenas limita o nosso campo de visão, mas que, de fato, o torna possível.

O conhecimento construído pelo homem se situaria, para Nietzsche, numa perspectiva metafórica na qual a linguagem opera, por meio da tentativa de atribuir identidade num mundo que só apresentaria diferenças. Diante do devir, a palavra procede pela tentativa de isolamento de algumas características em detrimento de outras, estabelecendo a fixação de formas pelos conceitos, abstraindo e generalizando aquilo que se apresentaria, necessariamente, de forma singular e concreta. Segundo Rocha, em sua

obra *Os abismos da suspeita: Nietzsche e o perspectivismo*, o filósofo em questão não estaria apenas fazendo uma mera crítica da linguagem, resumindo-se apenas a apontar sua origem convencional e sua natureza metafórica/arbitrária, mas a negação da hipótese de um mundo organizado conforme o nosso pensamento. Consoante a autora, Nietzsche procede com uma recusa da metafísica ou da ontologia que aí se encontra implicada. Rocha (2003, p. 99) diz que:

se *uma coisa* é já uma projeção da linguagem sobre o fluxo caótico do devir, supor uma coisa por trás da palavra é na verdade instituir um outro mundo, um duplo do mundo. A mitologia filosófica consiste no esquecimento da dimensão criadora da língua, e na crença de que cada palavra apresenta um correlato ontológico. Isso significa que a crença na gramática ocorre quando se reificam as palavras, na suposição de que elas designam entidades exteriores à linguagem (grifos do autor).

Portanto, ao considerar as implicações metafóricas da linguagem, o conhecimento, para Nietzsche, se organizaria a partir de uma perspectiva necessariamente criadora e ativa, e não apenas enquanto ferramenta de adequação que desconsidera a subjetividade frente à objetividade. Nesta concepção, elementos próprios da arte se revelariam em todos empreendimentos do conhecimento humano, presentes num *sujeito artisticamente criador*, condição da qual o homem é afastado ou se esquece ou é obrigado a se esquecer, diante das necessidades da formação de uma consciência moral. Procuremos compreender, então, esta condição do conhecimento, produzido por um homem, enquanto artífice de um *logos* metafórico.

ESTÉTICA E FANTASIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Levando-se em conta as implicações de ordem estética que estariam na base da construção do conhecimento, Nietzsche irá desenvolver algumas considerações a respeito do processo criativo no qual a imaginação, a fantasia e o sonho seriam elementos fundamentais para o homem dispor do conhecimento sobre o mundo. Elementos que traduziriam os impulsos artísticos primordiais de que o homem disporia e que seriam esquecidos em nome de uma certa pacificação trazida pelo mundo conceitual. Acerca disso, Nietzsche (2007, p. 41) diz que:

somente pelo esquecimento desse mundo metafórico primitivo, apenas pelo enrijecimento e petrificação de uma massa imagética que, qual um líquido fervente, desaguava originalmente em torrentes a partir da *capacidade primitiva da fantasia humana*, tão-somente pela crença imbatível de que este sol, esta janela, esta mesa são uma verdade em si, em suma, apenas por que o homem se esquece enquanto sujeito e, com efeito, enquanto sujeito artisticamente criador,

ele vive com certa tranquilidade, com alguma segurança e consequência; se pudesse sair apenas por um instante das redomas aprisionadas dessa crença, então sua “autoconsciência” desapareceria de imediato (grifos nossos).

O filósofo enfatiza que esta capacidade primitiva da fantasia humana se expressa na formação de imagens que, ao serem geradas milhões de vezes e herdadas por diversas gerações, ocorrendo na sequência de uma mesma ocasião, terminam por adquirir um significado estável para toda a humanidade, constituindo-se, assim, enquanto relação causal necessária entre o estímulo nervoso e a respectiva imagem gerada. Segundo Nietzsche, essa situação poderia ser traduzida como um sonho que se repetisse eternamente, o mesmo seria então percebido como algo efetivo. A concepção do que seja verdade, no seu *Sobre a verdade a Mentira*, aproxima-se desta compreensão (NIETZSCHE, 2007, p. 37):

o que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, atropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esquece que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas.

Vale salientar que a malha conceitual que se constrói com o processo contínuo de reiteração metafórica submete o homem a agir, não mais sob impressões repentinas ou intuições, impulsionando-o, antes, a consolidar conceitos que fundamentem o seu viver, possibilitando sua diferenciação perante os animais, por meio desta capacidade de transposição das metáforas intuitivas em esquemas, ou à dissolução das imagens em conceitos. Ademais, no âmbito da arquitetura conceitual, alcança-se algo que não se faz possível sob a égide das impressões intuitivas, ou seja, conquista-se um mundo de subordinações e delimitações, que se expressa por meio de leis e regularidades.

Faz-se mister frisar que o conhecimento, para Nietzsche, só poderia operar por meio de uma relação estética, haja vista que não haveria uma percepção pura ou uma expressão adequada do objeto no sujeito. Entre estas duas esferas distintas não vigoraria nenhuma causalidade, mas sim uma “(...) transposição sugestiva, uma tradução balbuciante para uma língua totalmente estranha. Algo que requer, de qualquer modo, uma esfera intermediária manifestamente poética e inventiva, bem como uma força mediadora” (NIETZSCHE, 2007, p. 42). O filósofo destaca, neste sentido, a força expressiva desse sujeito, artisticamente criador, que mesmo no processo de progressiva abstração, quando opera por generalizações ao elidir as singularidades, exercita o seu poder de metaforização.

Ao pensar sobre os filósofos pré-socráticos, em sua obra *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche procurou ressaltar o potencial imagético-discursivo presente nas formulações que antecederam à ordem epistemológica instaurada por Platão. Nestes pensadores antigos, a filosofia articulava-se mais abertamente à fantasia, sendo possível detectar as implicações do saber metafórico na capacidade reflexiva. Segundo Nietzsche (2008, p. 44-45):

o que conduz, então, o pensamento filosófico tão rapidamente a seu objetivo? Então ele se distingue do pensamento calculante e medidor apenas pelo fato de voar mais rápido ao longo de amplos espaços? Não, pois é um poder estranho e ilógico que ergue seus pés, a saber, a fantasia. Elevado por ela, o pensamento filosófico segue saltando de possibilidade em possibilidade, que, nesse meio tempo, são admitidas como certezas: ele mesmo apanha, aqui e acolá, certezas que estão a voar. Um pressentimento genial indica-lhe tais certezas e, à distância, ele como que adivinha tratar-se, nesse ponto, de certezas demonstráveis. O poder da fantasia é, porém, particularmente poderoso no que tange à apreensão relampejantemente instantânea, bem como à elucidação de semelhanças: mais tarde, a reflexão traz à baila suas medidas e seus moldes, procurando substituir as semelhanças por identidades e o que se vê lado a lado por causalidades.

Considerando a fantasia, em toda sua capacidade construtiva, observaremos que a mesma, para Nietzsche, se constituiria enquanto um pensar analógico, capaz de articular semelhanças nos seus atos criativos, sendo ambígua em suas possibilidades em dizer o sentido das coisas, já que não só poderia iluminar, como também obscurecer, desvelar como ocultar, configurando-se, portanto, num jogo cambiante sobre as possibilidades e perspectivas de fabulação da verdade sobre o mundo. De Guervós, a fantasia não estaria submetida a regras, sendo capaz de identificar pelas palavras, coisas que não são a mesma. Segundo ainda este autor (GUERVÓS, 2011, p. 185), a fantasia:

(...) é uma faculdade estética e como tal atua, ainda que pareça paradoxal, logicamente, pois ao ver as semelhanças o que na realidade faz é fundamentar a lógica dos conceitos. Este modo de atuar, que se expressa na dimensão da metáfora, é a forma linguística que põe em relevo as semelhanças e como tal é o “não lógico”, isto é, o momento estético na linguagem.

A produção metafórica, segundo Nietzsche, faz-se presente no papel que o filósofo exerce, na tentativa de ecoar em si a sonoridade total do mundo para, então, exteriorizá-la em conceitos. Compara, assim, o exercício do pensar dialético do filósofo ao trabalho de construir versos do poeta, salientando que a palavra se constitui para o dramaturgo tão somente num balbúcio numa língua estrangeira daquilo que ele viu e viveu. Assim também se apresentaria a expressão de uma profunda intuição filosófica mediante dialética e reflexão científica, mas revelando-se, enquanto um meio pobre que consistiria no fundo numa transposição metafórica enganadora para uma esfera e língua distintas.

Chama atenção para o fato disso ter ocorrido com Tales que, ao contemplar a unidade do que existe e ao tentar se comunicar sobre ela, terminou por falar sobre a água.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche ressaltará o poder transfigurador da arte, o qual se expressou profundamente na tragédia grega que foi capaz de divinizar a existência e salvaguardar os gregos do sentimento de absurdo perante o mundo. Todavia, o filósofo apresenta-se, também aqui, como aquele capaz de produzir uma compreensão estética da vida (NIETZSCHE, 1992, p. 28-29):

o homem de propensão filosófica tem mesmo a premonição de que também sob essa realidade, na qual vivemos e somos, se encontra oculta uma outra, inteiramente diversa, que portanto também é uma aparência: e Schopenhauer assinalou sem rodeios, como características da aptidão filosófica, o dom de em certas ocasiões considerar os homens e todas as coisas como puros fantasmas ou imagens oníricas. Assim como o filósofo procede para com a realidade da existência [*Dasein*], do mesmo modo se comporta a pessoa suscetível ao artístico, em face da realidade do sonho; observa-o precisa e prazerosamente, pois a partir dessas imagens interpreta a vida e com base nessas ocorrências exercita-se para vida.

A compreensão estética do mundo, desenvolvida por Nietzsche, evidencia este jogo de linguagem metafórica, potencializado por elementos que valorizam a intuição, a imaginação, o mito, enfim, dimensões próprias ao sujeito, artisticamente criador, que é capaz de, constantemente, misturar as rubricas e divisórias dos conceitos, introduzindo novas transposições, metáforas e metonímias, configurando o mundo para o “(...) homem desperto de uma forma coloridamente irregular, inconsequentemente desarmônica, instigante e eternamente nova como a do mundo do sonho.” (NIETZSCHE, 2007, p. 47). Os conceitos se apresentariam para o homem como abrigos diante da turbulência imagética desse mundo metafórico primordial. E a arte, de fato, desestabilizaria essa ordem ao transgredir as delimitações que o mundo conceitual tentaria impor. “Em si, o homem desperto adquire clara consciência de que está acordado somente por meio da firme e regular teia conceitual, e, precisamente por isso, chega às vezes à crença de que está a sonhar, caso alguma vez aquela teia conceitual seja despedaçada pela arte” (NIETZSCHE, 2007, p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O potencial metafórico da linguagem subsidia uma compreensão do conhecimento que não o reduz a seu valor, meramente epistemológico. Esta reflexão, em Nietzsche, adquire importância, na medida em que coloca em evidência as implicações estéticas que estariam presentes na produção dos conceitos, evidenciando, portanto, o seu caráter de

produto metafórico, oriundo de transposições que almejam fixar coisas frente ao devir. As construções conceituais se apresentam, para Nietzsche, como metaforizações complexas, exigidas pelos processos de condicionamento social que fixam padrões morais que devem ser vivenciados com a estabilização dos signos linguísticos.

Neste sentido, o conhecimento estaria assentado numa linguagem que ultrapassaria a condição de significação ou representação, vinculando-se, necessariamente, à capacidade de ser uma obra de arte. Desta forma, é que se salientaria o caráter interpretativo e perspectivístico do conhecimento, em Nietzsche, uma vez que o mesmo se apresentaria sempre enquanto exercício da linguagem, exibindo-se, sobretudo, o potencial expressivo, bem como ficcional que o homem carrega consigo no simples ato de perceber o mundo e as coisas.

Por fim, observa-se que Nietzsche salienta o papel importante que a fantasia exerce no potencial cognoscente do homem. Este, enquanto sujeito artisticamente criador, dispõe da capacidade primordial da metaforização na qual a mentira, a falsificação, a aparência, a ilusão, o sonho, a imaginação, devem ser tratados, como quer o filósofo, num sentido extra-moral, ao considerá-los enquanto elementos decisivos nos jogos estéticos e linguísticos, próprios a um conhecimento que tem bases artísticas. Algo relevante que o filósofo antecipa em proposições que repercutem nas relações mais próximas que a filosofia e a ciência tentam, contemporaneamente, estabelecer com a música, a literatura, o cinema, as artes plásticas, enfim com todas as expressões artísticas de uma maneira geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRAZ, Maria Cristina Franco Ferraz. *Nove variações sobre temas nietzschianos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FONSECA, Thelma Lessa da. Impulso à verdade e impulso artístico: Uma leitura de Sobre a verdade e mentira no sentido extra-moral. In: *Cadernos de Filosofia Alemã XII*. Publicação Semestral do Departamento de Filosofia. FFLCH-USP. São Paulo: jul.-dez. 2008. p. 29-50.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. Estética e linguagem em Nietzsche: outras possibilidades de dizer. In: JÚNIOR, Ivo da Silva (Org.). *Filosofia e cultura: festschrift em homenagem a Scarlett Marton*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2011.

KRASTANOV, Stefan Vasilev. *Nietzsche: pathos artístico versus consciência moral*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. *A filosofia na era trágica dos gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. *O Nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.